



PLANETA DOS MACACOS: O MEDO E SUAS REPRESENTAÇÕES

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3509

Carlos Alberto Plath Junior, UEM
Vanda F. Serafim, UEM

Resumo

A presente comunicação, tem como objetivo apresentar uma discussão elaborada a partir do Projeto de Iniciação Científica “Escatologia e História: Considerações metodológicas sobre o filme *O Planeta dos Macacos* (1968)”. Nos atentaremos às modificações ocorridas nas justificativas filmicas para a extinção humana, presente nos filmes *Planeta dos Macacos* (1968) e *Planeta dos Macacos a Origem* (2011). Dirigidos pelos diretores, Franklin J. Schaffner com o filme de 1968 e Rupert Wyatt com o de 2011. Cada obra cinematográfica faz parte de um contexto diferente, e assim, representam diferentes justificativas. Entendidos pela História Cultural como formas de “representações coletivas”, os filmes constituem-se como objetos de estudo, na medida em que permitem identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler (CHARTIER, 1990). Nesse sentido, podemos indagar quais realidades as tramas cinematográficas pretendem construir e ao trabalhar com ideia de futuro e fim do mundo, quais “paisagens do medo” (TUAN, 2005) são projetos nos momentos de produção dos filmes sobre as formas de destruição e extermínio da raça humana. Sendo assim, partiremos de autores como Yi-Fu Tuan (2005) e Jean Delumeau (1989) para pensar o medo e como ele é construído frente determinada “paisagem” (TUAN, 2005) e como o imaginário popular representa os medos escatológicos em diferentes contextos. Para analisar metodologicamente a obra, partiremos de autores como Marcel Martin (2005), Sandra Pesavento (2008) e Marcos Napolitano (2008).

Palavras Chave:

Representação; medo;
extinção humana;
Planeta dos Macacos.

Introdução

Com o advento da Nova História, objetos de estudo que eram negligenciados pelos profissionais da área até então, passaram a ser aceitos no meio acadêmico e nos estudos científicos, edificando novas discussões e possibilitando produções acerca de inúmeras temáticas inéditas. Desta maneira, por meio da História Cultural, cinema e ficção científica são viáveis na medida que podem ser compreendidos como “representações coletivas”, estas que nos indicam como uma determinada realidade social pode ser compreendida e analisada frente ao seu contexto (CHARTIER, 1990).

Ao observarmos o medo da escatologia e como ele é representado nos filmes *Planeta dos Macacos* (1968) e *Planeta dos Macacos a Origem* (2011), conseguimos perceber diferenças em suas justificativas, estas que são dadas frente as “paisagens do medo” existentes no momento de elaboração dos filmes (TUAN, 2005) e projetadas em um futuro escatológico pautados no presente (DELUMEAU, 2005). Partindo disso, nesta comunicação, tentaremos apontá-las e explicá-las, utilizando os seguintes autores: Yi-Fu Tuan *Paisagens do medo* (2005), Jean Delumeau em *a História do Medo no Ocidente 1300-1800* (1978), e por fim Zygmunt Bauman e o *Medo Líquido* (2006).

Utilizando os seguintes autores na metodologia, Marcel Martin (2005), Sandra Pesavento (2008) e Marcos Napolitano (2008), apontaremos qual método de análise cinematográfica utilizamos para os filmes em estudo. Feito isto, abordaremos quais resultados encontramos ao mapearmos os filmes relevantes para a compreensão do medo e suas mudanças ao decorrer da história. Sempre nos atentando aos filmes como produções estadunidenses que representam não somente os medos de seu país, mas mundiais, uma vez que

abordam temas que preocupam a humanidade.

Metodologia

As fontes documentais escolhidas para estudo são os filmes *Planeta dos Macacos* (1968) dirigido por Franklin J. Schaffner com uma duração de 112 minutos, e *Planeta dos Macacos a Origem* (2011), dirigido por Rupert Wyatt, durando 110 minutos. Ambos produzidos nos EUA pelas empresas 20th Century Fox, o filme de 1968 também foi produzido pela APJAC Productions.

O primeiro filme retrata o personagem George Taylor (Charlton Heston), um astronauta americano que viaja por séculos em estado de hibernação, ao acordar, ele e seus companheiros estão em um planeta dominado por macacos, no qual os humanos são tratados como escravos e nem mesmo possuem o dom da fala. Já o segundo filme retrata o planeta terra na atualidade, onde cientistas estão desenvolvendo um vírus capaz de curar o Alzheimer, estimulando a capacidade humana de raciocinar. Para tanto utilizam chimpanzés para os testes, estes que passam a adquirir raciocínio e consciência. Ao decorrer da história o vírus acaba se transformando no meio de extermínio da humanidade, na mesma medida que transforma símios em seres com capacidades intelectuais humanas.

Nesta perspectiva, partindo da categoria de ficção científica e utilizando-se, entre outras, da obra do Napolitano (2008) entendemos que o cinema é compreendido enquanto uma fonte primária para o historiador, afinal, a sua maneira, apresenta aspectos da realidade, seja por meio de representações futurísticas ou de fatos históricos.

Entendendo as imagens enquanto linguagem, observamos que elas criam universos paralelos que possuem sinais próprios e verdades

únicas que representam a realidade de nosso mundo. Sendo criadas por indivíduos, apresentam a visão de mundo por parte de seu criador, porém elas geralmente possuem destinatários, um financiador e equipes que auxiliam na elaboração. Logo este grupo de indivíduos tem uma importância fundamental, pois além da visão do autor, existe a do leitor, de quem custeou, dos produtores e outros que exerceram influências na produção das imagens. (PESAVENTO, 2008)

Se observamos a produção de filmes, perceberemos uma intencionalidade em cada aspecto de sua elaboração, a escolha da música de fundo, o posicionamento da câmera, a atuação do ator ou da atriz, enfim estes aspectos e outros na elaboração fílmica são carregados da intencionalidade do criador da obra. É preciso, então, o historiador compreender como isto se deu, e assim buscar a intencionalidade dos produtores. (MARTIN, 2005)

Tão importante quanto perceber a intencionalidade da produção de um filme, para estudá-lo cientificamente, é compreender a “natureza representacional” (NAPOLITANO, 2008.p. 238). Ou seja, o que está sendo representado, que evento ou fato histórico o filme contém em sua elaboração ou no seu teor fílmico, aquilo que poderíamos dizer que se mantém escondido na obra. (NAPOLITANO, 2008)

Porém como expõe o autor Napolitano (2008), o documento que no caso é a imagem, é dotado de significado próprio e o historiador ao estudá-lo precisa entendê-lo enquanto representação de algum aspecto de seu tempo, e estabelecer o contexto em que se deu tal documento, para assim perceber os propósitos de sua produção diante da realidade e de outros documentos contemporâneos ao estudado. E analisando as interpretações já existentes, elaborar uma própria,

conforme as possibilidades do mesmo.

“As imagens não são um duplo do real, mas o atestado de intenções e sensibilidades, fruto de um olhar sobre o mundo em determinada época.” (PESAVENTO, 2008.p.110) Pensando imagem enquanto um fruto de seu tempo, percebemos que elas mostram totalidades do seu contexto de produção, mas também aspectos simples e subjetivos, “sutilezas de minúcias que, como postula Carlo Ginzburg (1990) compõem um paradigma indiciário, potencializando a interpretação.” (PESAVENTO, 2008.p.107).

Resultados

Tuan (2005) expõe que o medo possui inúmeras paisagens, ele é sentido por indivíduos, podendo ser particular, interpretado e sentido de forma única ou em comunidade.

Sendo causado por um ambiente de conflitos ou de tranquilidade, em cada fase da vida do indivíduo há a existência predominante de um tipo específico de medo, ocorrendo a alteração de acordo com o meio de vivência do ser. Ou seja, o contexto em que a pessoa ou comunidade se encontra pode influenciar o medo tanto individual quanto coletivo (TUAN, 2005).

Tudo aquilo que se relaciona ao desconhecido como estranhos e experiências não vivenciadas são causadoras do sentimento em estudo. O medo do futuro e da sua mortalidade, ou de um desastre natural são exemplos disso. Não saber o que irá acontecer nos próximos momentos é uma forma de entender o medo. Isto somando as diferentes paisagens do medo, conseguimos observar tal sentimento na individualidade e assim soma-lo no conjunto das comunidades humanas (TUAN, 2005).

O ser humano toma qualquer medida para se afastar do medo e não vivenciá-lo. Delumeau (1989) compara o

medo a uma tempestade que surge do nada e causa destruições, que em muitos casos são impossíveis de serem medidas. Porém muitas vezes o homem precisa enfrentar seus problemas, pois não há alternativa, ele passa a aprender a lidar com seus medos, pois é necessário que este cumpra a sua missão. Mas neste momento em que este ser está passando por problemas e pelo sentimento citado, preferiria estar fazendo ou vivenciando qualquer coisa, menos tal situação angustiante.

Para o autor o medo se dá de objetos, situações e pessoas que lhe são desconhecidos. E mesmo depois de conhecê-los, o sentimento continua podendo ou não mudar de intensidade. Afinal a memória não se deixa esquecer, e através da história oral ou escrita perpassa as gerações. Geralmente causado por aquilo em que o indivíduo não possui nenhum poder de exercer ou controlar, o medo existe sobre o que é incontrolável, ou passa a sensação disso. E por meio das produções literárias fantásticas conseguem expressar, e assim justificar os medos. Tal construção fictícia se dá baseada na realidade. Quando as populações sentiam o medo de determinada coisa ou situação, os fatos gerados pelas vivências e experiências desses indivíduos refletiam em suas atitudes, logo os escritores ou contadores de história percebiam a grandeza de tal situação, passavam a reproduzir os ocorridos, acrescentando, ou não, fatos fictícios as suas obras, difundindo o pavor, que já existia em uma categoria menor de expressão, com mais força, tornando-o mais presente e intenso no cotidiano (DELUMEAU, 2009).

Ao escrever sobre o período histórico medieval, Delumeau (1989) aponta a existência da prática de previsões do futuro, geralmente catastróficas, de proporções bíblicas. Estas previsões estão intrínsecas ao contexto do momento em que foram elaboradas perpassando as crenças das

populações e suas expectativas.

Durante os séculos XV e XVI o discurso apocalíptico estava com maior intensidade. “Esses terrores, mais reais do que os do ano Mil transpuseram o corte artificial estabelecido entre Idade Média e Renascença” (DELUMEAU. 1989. p. 207). Tenha sido as mudanças perceptíveis nas características do contexto, a alteração lenta da ordem medieval tal qual ela era caracterizada, o discurso renascentista, ou outro motivo, fez com que neste momento da história houvesse maiores números de discursos apocalípticos. Ao longo dos séculos XIII e XIV a existência das previsões apocalípticas eram palpáveis e fortes, geralmente ligadas a presenças das pestes e guerras, mas foi durante a extensão dos anos 1500 que a promessa apocalíptica atingiu muito mais extensão.

E mais do que ter medo da ameaça, temer a possibilidade de ter que passar pelo sentimento do medo é na mesma medida angustiante e amedrontador. Ou seja, ignorância da ameaça sendo ela existente ou não, já é a presença do medo para o autor filósofo Bauman (2008) que escreve sobre a atualidade.

Existem medos que ameaçam o corpo e a propriedade, também há medos da destruição da ordem social e da confiabilidade nela e ainda existem medos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo, sua identidade, posição social e hierárquica, etc. (BAUMAN, 2006)

Os medos surgem e desaparecem todos os dias, a notícia de um vírus antes gerava grande pânico, após um tempo as mesmas notícias desse mesmo vírus se tornam piada. Isto ocorre porque nós criamos inúmeros meios, sistemas, quinquilharias para não termos os medos. (BAUMAN, 2006)

Entre tantos medos do desconhecido que nos perturbam, um dos mais impactantes em nossas vidas é do futuro, pelo fato dele ser inseguro e

incerto. Mas a qualquer custo criamos meios de silenciá-los, afinal é impossível fazê-los desaparecer. E assim surgem remédios para medos que podem ser lançados antes da existência real do próprio medo. Para exemplificar esta ideia, basta pensar da seguinte forma: criam-se consumidores para consumir algo a ser lançado. Nesta ideia podemos pensar nas dietas, cadernetas de poupanças e inúmeros outros “produtos”. (BAUMAN, 2006)

Dentro destas perspectivas apresentadas por estes autores, os filmes futurísticos e apocalípticos podem expressar paisagens do medo existentes no contexto de elaboração, mas projetam um futuro onde aquilo que era conhecido não existe mais ou pode deixar de existir. Expressando a angústia de uma possibilidade de ameaça que ainda não se tornou efetiva, podendo acontecer ou não.

A destruição do conhecido, um mundo completamente estranho ao aceito, a ameaça da segurança, da posição social, do futuro denunciado, expostos na obra fílmica, expressam “representações coletivas” do medo que nos permitem compreender uma realidade acerca de um momento histórico e como o sentimento em estudo é sentido e elaborado na sociedade (CHARTIER, 1990).

O filme “Planeta dos Macacos” de 1968 apresenta uma história fictícia, em um futuro distante, cerca de 2000 anos à frente da década de 60 do século XX. Ao longo da história vão sendo apresentados argumentos que tornam plausíveis a possibilidade de o planeta onde os astronautas pousaram ser a Terra milhares de anos após uma grande guerra que destruiu parte do planeta, o deixando parcialmente infértil.

Mas a maior mudança causada pela guerra, foi frente aos símios e humanos. Posições onde no universo fílmico deixado pelos astronautas antes de viajarem pelo espaço e tempo, foram invertidas. Macacos neste novo tempo

são dotados de intelecto e características racionais, em contrapartida, humanos possuem aparência tal qual conhecemos, no entanto são desprovidos de capacidades intelectuais como costumavam possuir, vivem em um estado animalesco.

No filme de 1968 nos deparamos entre tantas outras representações dos medos, com o pavor de uma guerra de proporções mundiais altamente destrutiva, numa categoria que no mínimo é atômica. No entanto, o que faz o telespectador vacilar junto do personagem não é a destruição em si, mas o após. Um mundo onde o ser humano não possui mais espaço, e é concebido como um animal dominado por seres com maiores capacidades intelectuais. E apesar dos sistemas humanos ainda existirem, não são os humanos os protagonistas desta nova ordem mundial, quase idêntica à do mundo de 1968, mas sim macacos que subjagam seres inferiores como a humanidade.

Dentro desta perspectiva, o filme apresenta um universo fictício pós-apocalíptico. E assim como Delumeau (1989) aponta que durante o período medieval havia previsões de um futuro, escatológico na maioria das vezes, podemos entender a obra cinematográfica da mesma maneira. Denuncia a humanidade existente nos anos 1960 e suas atitudes, apresentando uma possibilidade de futuro se não alterarem os caminhos sendo seguidos pelas populações e seus líderes.

Os indivíduos envolvidos na produção do filme apelam usando do medo da destruição da humanidade e o fim do seu protagonismo na história mundial, para denunciar entre outras coisas as atitudes humanas que aparentemente guiavam a humanidade para o seu fim.

Para além das atitudes que destruiriam o mundo, o “Planeta dos Macacos” (1968) denunciava outras atitudes humanas não tão destrutivas a

ponto de levar a escatologia diretamente. Ao inverter os papéis humanos e Símios, também dotava os símios de todas as características humanas, que para os produtores eram desprezíveis como o maltrato aos animais, o discurso científico ser o mesmo do religioso, a junção de política e ciência submissas a religião formando uma espécie de trindade administrativa, o militarismo truculento e a divisão da sociedade por grupos.

Nessa mesma medida de denúncia da realidade, os produtores do filme “Planeta dos Macacos a Origem” (2011) optaram pelo mesmo caminho, no entanto sem fazer inversão. São os Humanos a maltratar os símios, usa-los como cobaias, agredi-los, se divertirem com suas supostas incapacidades cognitivas e intelectuais.

Diferente do da obra cinematográfica de 1968, o de 2011 não culpabiliza a humanidade pela sua escatologia na mesma medida que o seu antecessor faz. Afinal cientistas estão tentando descobrir a cura para a doença de Alzheimer, desenvolvem um vírus capaz de estimular o aumento de sinapses. E usando símios como cobaias, dotam os mesmos de um rápido desenvolvimento intelectual e cognitivo. Por fim, o vírus se revela frágil, impossibilitando um resultado duradouro. Os estudiosos potencializam sua força e alteram algumas de suas propriedades, causando, sem a intenção, um efeito destrutivo para a humanidade na mesma medida que torna símios inteligentes.

A escatologia no filme de 2011 vem por intermédio de um vírus criado pelos maiores cientistas para curar uma doença. Mesmo havendo boas intenções cercadas pelos interesses comerciais, a culpabilidade do extermínio da raça humana ainda é imposta por ela mesma. Cientistas ameaçam o mundo humano na medida que desenvolvem pesquisas científicas sem um aparente controle.

E ao analisar o contexto de

produção, não é preciso muito esforço, basta recorrer a memória: gripe aviária, H1N1, Ebola, e inúmeras doenças que surgem sem uma aparente explicação, atingindo milhares de pessoas por todo o mundo neste contexto, possibilitando a representação cinematográfica da escatologia humana por intermédio de um vírus.

Propostos estes argumentos, e recorrendo a Tuan (2005) conseguimos compreender como as paisagens do medo se modificam frente realidades e contextos diferentes. Delumeau (1989) ainda propõe a ideia de medos cíclicos, que acabam sempre retornando, como o de guerras, vírus, e outros, mas que geralmente levam ao mesmo fim, ou seja, o extermínio da humanidade e do mundo como ela conhece e participa.

Tanto o filme de 1968 quanto o de 2011 tentam denunciar atitudes que julgam problemáticas acerca da vivência humana. Este ato de denunciar, é próprio das sociedades ocidentais, que ao longo da história praticam tal ação. Latour (2002) descreve navegantes cristãos que ao chegar em uma determinada comunidade africana, julgam e tentam desconstruir a crença dos integrantes de tal comunidade, que cultuavam uma pedra, no entanto, estes europeus, carregavam em seus pescoços crucifixos.

Dotar um objeto, um fato, uma história, um conhecimento ou atividade cultural de determinado significado ou razão, é característico da comunidade humana. Trazer sentido e significado para algo palpável ou não é uma ação comum da humanidade. Latour (2002) denomina este objeto dotado de significado de “feitiço”, e a ação, comum da sociedade ocidental, de tentar desconstruir feitiços, de desfeitiçizar.

Ambos os filmes são desfeitiçizantes, no entanto o de 1968 o faz com maior afinco. Com a obra de 2011 este processo se dá sob as ações humanas envolvendo principalmente o trato de animais e sobre a ciência

comercial ser dotada de poderes sem grandes responsabilidades. Já no de 1968, há a inversão, as ações e ideias símiás são na realidade humanas, a agressão para com os inferiores, a sociedade organizada numa pirâmide onde a religião está no topo, logo abaixo a política juntamente da ciência, a predominância do senso comum denominado ciência e por fim a destruição do planeta e da ordem mundial protagonizada por humanos por meio de uma guerra nuclear são denúncias e expressam a opinião desfeiticizante dos envolvidos na elaboração fílmica.

Delumeau (1989) discorre que contextos conturbados e de grandes mudanças são propícios para a elaboração de discursos escatológicos. Nesta perspectiva entendemos que a década de 60 e as questões de política mundial e a denominada Guerra Fria ameaçavam a humanidade. E as pandemias de doenças que atingiam o mundo inteiro na primeira década do século XXI surtia o mesmo efeito no imaginário coletivo, onde a destruição da ordem mundial era possível frente essas ameaças.

Desta maneira as representações do medo estão ligadas as suas paisagens (TUAN, 2005). Ideia também apresentada por Delumeau (1989) sob outros argumentos, onde os medos são cíclicos e depende das possíveis ameaças. O futuro é desconhecido e os perigos do presente podem levar a uma destruição do conhecido.

Considerações Finais

Ao longo da história da humanidade contadores de histórias, escritores, diretores fílmicos e inúmeros perpetuadores de fatos reais ou fictícios, compreenderam a magnitude do medo e sua influência nas sociedades, e passaram a utilizá-lo em suas histórias, potencializando a sua abrangência. Difundido o medo por meio da transmissão de informações e histórias, sociedades inteiras viveram e sentiram a

ameaça próxima de si, e para tentar não vivenciá-la procuraram meios de resistir. (DELUMEAU, 1989).

Bauman (2006) apresenta que uma das medidas para tentar amenizar os medos ou a possibilidade deles, era adiantá-los. Ou seja, indivíduos passam a se preocupar com os problemas ou até mesmo vivenciá-los antes deles serem efetivamente problemáticos.

Sentir o medo antes da chegada ativa do seu causador, se dá inconscientemente. No entanto, os produtores de consumidores elaboram seus produtos por intermédio de artifícios. Filmes fictícios e futurísticos escatológicos, apresentam o medo daquilo que as populações de telespectadores já sentem. Ao fazê-lo denunciando, tentam amenizar a situação, na mesma medida que ainda adiantam a existência da ameaça. Desta maneira, o empenho em amenizar o medo não é falho, todavia não é eficiente, afinal ao antecipar propriamente o medo, prolonga-se o mesmo, reduzindo, talvez, sua intensidade, mas aumentando sua duração.

Referências

- PLANET OF THE APES (O Planeta dos Macacos). Direção de Franklin J. Schaffner. EUA. Produzido por Arthur P. Jacobs; Mort Abrahams; 20th Century Fox; APJAC productions. 1968. 112 min.
- RISE OF THE PLANET OF THE APES (Planeta dos Macacos a Origem). Direção de Rupert Wyatt. EUA. Produzido pela 20th Century Fox Film Corporation. 2011. 105 min.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Gallhardo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Machado, Maria Lucia. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa, Portugal: Dinalivro, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **A história depois do papel.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235-289.

PESAVENTO, Sandra; SANTOS, Nádía Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais:**

percursos em história cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008. pp. 99-122.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo.** São Paulo: Editora da UNESP. 2005.

LATOUR, Bruno. **Reflexão Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches.** Bauru, SP: Edusc. 2002..